

Este conto recebeu o **1º lugar** no Concurso de Contos Maria Lacerda Moura. Fundação de Cultura de Barbacena, Academia Barbacenense de Letras e Jornal de Sábado, 2002.

Faz parte do livro *Um dia, com calma, eu te conto... Histórias e Memórias do João do Açúcar*.

## SURTO DE MODERNIDADE

Ao Ronaldo Simões Coelho,  
um grande contador de histórias

*Posuerunt me in lacu inferiori,  
in tenebrosis, et umbra mortis.  
Salmo LXXXVII*

Prados é semelhante a um presépio, incrustado numa ponta da serra de São José, interior profundo das Minas Gerais. Havia anos, fazia parte da Diocese de Mariana, mas nunca tinha recebido a visita pastoral do bispo titular. O vigário insistia, em sucessivas cartas, para que Sua Excelência viesse passar uns dias naquele aprazível sítio, nem que fosse para descansar. Já idoso, tinha medo de morrer sem ter o prazer e a honra de conseguir tão almejada visita. O argumento da idade avançada sensibilizou o bispo que, finalmente, marcou a data.

A cidade preparou-se com desmedido zelo. O pároco criou uma comissão de fiéis, encarregada de planejar todos os detalhes, de maneira que nada pudesse desagradar a Sua Excelência. A banda de música e a orquestra prepararam várias peças, minuciosamente escolhidas pelos competentes maestros; o coro da matriz redobrou os ensaios; as beatas simularam o modo de comportar-se na presença de um prelado: como beijar o anel, como ajoelhar-se, como afastar-se sem dar as costas e inúmeras outras barretadas. Estava tudo pronto quando, na reunião diária da comissão, alguém fez a pergunta:

— Onde se hospedará o santo bispo?

Verificou-se, então, que a situação era complicada. A casa paroquial, muito modesta, não tinha o conforto suficiente para receber um Príncipe da Igreja. A única alternativa seria apelar para o presidente da Câmara que, como membro da comissão, não iria negar seus préstimos, haja vista que era ele quem possuía a casa mais imponente do lugar, com amplos e confortáveis aposentos.

O presidente, envaidecido, acolheu prontamente a idéia e, no dia seguinte, encomendou às pressas uma placa comemorativa, que seria afixada na entrada do casarão, para registrar a presença da nobre visita. Entretanto, havia algo que o atormentava. Não quis perguntar na presença de outros porque se acanhara de tocar no assunto, mas procurou o vigário para uma conversa reservada. Fez uma introdução bem demorada, recheada de desculpas prévias, e finalmente conseguiu fazer a pergunta, diminuindo a intensidade da voz:

— Seu vigário, com todo o respeito, Sua Excelência dá de corpo?

O vigário, muito compreensivo e paternal, respondeu:

— É claro, meu filho, Sua Excelência é, antes de tudo, um mortal como nós, sujeito às necessidades próprias do ser humano, mas... por que pergunta?

— Seu vigário, estou muito preocupado. Minha modesta residência é deveras confortável, mas a fossa fica no fundo do quintal e, nesta época de frio, será muito desagradável para Sua Excelência percorrer o trajeto, no meio do capim orvalhado. O senhor não acha?

— Você tem razão, meu filho, Sua Excelência já está fazendo um sacrifício tremendo de vir até aqui. Quanto menos desconforto tiver, melhor. Vamos rezar e pedir à Providência Divina que nos ilumine.

O presidente foi para casa, ruminando as idéias, em busca de uma solução. Não demorou muito e ela apareceu como que caída do céu. O quarto destinado ao ilustre hóspede tinha um alçapão que se comunicava com o porão e o presidente não pensou duas vezes; chamou o carpinteiro e mandou construir uma cabine em cima do alçapão. Ali, Sua Excelência poderia fazer suas necessidades sem sair do quarto.

— Sem dúvida, uma grande invenção, talvez a maior de todos os tempos — pensou o presidente entusiasmado.

Acometido por um surto de modernidade, foi além da simples cabine, mas o que estava projetando, agora, era segredo. Nem a comissão nem o vigário poderiam saber de seus planos.

— Sua Excelência terá um conforto nunca visto, sou capaz de apostar que o Papa não tem coisa semelhante, lá no Vaticano!

Mandou chamar o Seu Alfredo, bisavô do João do Açúcar, funcionário mais antigo da Câmara, guarda-livros impecável, calígrafo perfeito, de mãos delicadas, de unhas sempre limpas e aparadas.

— Seu Alfredo, vou confiar-lhe uma missão secreta. É coisa que vai permanecer entre nós dois. O senhor se mudará, aqui para casa; ficará instalado lá no porão durante toda a visita de Sua Excelência. Já providenciei o modo de almoço, de janta e de café para o senhor. Deverá manter a chaleira no fogo brando a fim de que a água não fique nem muito quente nem muito fria, um pouquinho acima de morna. Assim que Sua Excelência usar a fossa, o senhor molhará uma destas toalhinhas e limpará a... bun... não, Deus me perdoe, não, o senhor limpará a parte de trás de Sua Excelência. O senhor está me entendendo, Seu Alfredo?

— Sim, Seu Presidente, estou entendendo perfeitamente.

Finalmente o bispo chegou, à tardinha, na véspera da data oficial da visita. Recebido pelo vigário e por alguns membros da comissão, dirigiu-se à casa do presidente para se refazer da cansativa viagem.

Seu Alfredo já estava de prontidão em seu posto subterrâneo, atento aos barulhos indicativos de sua delicada tarefa.

O monsenhor secretário do bispo fez um reconhecimento dos aposentos e achou a cabine muito interessante, parecida a um confessionário. A única diferença notada é que naquela havia uma espécie de coifa que se prolongava pelo teto acima.

Após uma ligeira mesa de café com pão-de-queijo e finos

biscoitinhos, Sua Excelência recolheu-se à improvisada clausura. Alertado pelo monsenhor, o bispo quis logo usar daquele conforto, coisa que não tinha em palácio.

Seu Alfredo escutou os passos, testou a quentura da água e ficou em posição. O bispo assentou-se no estranho trono e descarregou a primeira borrada, daquelas que mais borrifam do que caem, acompanhada de sons de trombeta entupida. Seu Alfredo ensopou uma toalhinha e, através de movimentos circulares, limpou a bunda do bispo com extrema delicadeza, vindo da parte periférica em direção ao centro. Assaltou-lhe, porém, um terrível sentimento de culpa; não poderia ele ver aquela parte íntima de tão respeitável e sacrossanta criatura, afinal era uma bunda episcopal. Fechou os olhos, apertou-os até que lacrimejassem e continuou sua missão, recitando algumas jaculatórias. O bispo, pasmo com aquela modernidade, quis olhar o mecanismo inovador e chegou o rosto bem dentro do buraco escuro da fossa. Seu Alfredo, descontrolado, com os olhos fechados, esqueceu-se de mudar a toalhinha e continuava rodando, rodando, até que encontrou e besuntou a cara do bispo curioso.

Naquele exato momento, Sua Excelência ouviu, ao longe, o ensaio de canto gregoriano, trazido pelo vento, em ondas que vinham e sumiam, coincidindo que recitavam os cantores:

—... *Posuerunt me in lacu inferiori, in tenebrosis, et umbra mortis...*

Contam que a segunda visita pastoral, ocorrida em Prados, foi a de outro bispo, no tempo de outro vigário, dezenas e dezenas de anos depois da primeira. João do Açúcar já era nascido e andava por este mundo esquecido dos deuses.

\*\*\*

#### Nota do Autor

Estava lendo *Baudolino* de Umberto Eco. No capítulo 24 (*Baudolino no castelo de Ardžroum*) há uma descrição do sofisticado e aparelhado quarto em que Frederico Barba Roxa pernoitaria. Quando li o trecho — (...) *Peço desculpas pela minha rudeza* (disse o anfitrião), *mas o Senhor criou para nós um corpo: atrás desta pequena porta há um quarto, com um assento muito pouco real, mas tudo aquilo que teu corpo desejar expelir, cairá numa cisterna do subsolo, sem contaminar este ambiente.* (...) — ocorreu-me que o Autor iria inventar a mesma comodidade do quarto do bispo do meu conto *Surto de Modernidade*. Fiquei apreensivo, apesar de que *Baudolino* foi escrito em 2000 e *Um dia, com calma, eu te conto...* é de 1995; portanto, se Umberto Eco inventasse a mesma parafernália, não se poderia dizer que copiei dele. Como não inventou, apesar dos engenhosos aparatos do quarto do castelo, somente em Prados, interior profundo das Minas, ocorreu aquele *surto de modernidade*.